

IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas

11, 12 e 13 de maio de 2011

Auditório Rio Datacenter (RDC), PUC-Rio

Os limites do pensamento e o ideal ascético

Anita Tandeta

Caixa de Ferramentas Curso Livre de Psicanálise e Ciências
Sociais

anitatanqueta@gmail.com

Artigo apresentado durante o Simpósio

IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas

Rio de Janeiro: Departamento de Artes e Design, PUC-Rio, 2011.

ISBN: 978-85-99959-12-1

www.simposiodesign.com.br

Esta obra é protegida pela lei de direitos autorais

Em consideração aos princípios que vêm sendo adotados pelo LaRS, não há um formato padrão para os arquivos, respeitando-se as características individuais.



Departamento de Artes & Design

Título

Os limites do pensamento e os ideais ascéticos

Resumo

Sendo Foucault leitor de Nietzsche, esta comunicação pretende fazer parte do mapeamento da questão tecida nas páginas de Nietzsche: como questionar profundamente os limites do pensamento sem cair no contra-senso de supor que o próprio pensamento terá instrumentos intrínsecos para questionar-se a si mesmo? Nietzsche apresentou a tarefa de questionar os limites concretos das produções de pensamento, isto é, a tarefa de localizar, nas produções da cultura, os silêncios que elas promoviam. Nesse movimento, deparou com a construção do que chamou de ‘homem moderno’, habitante de uma cultura sustentada por ideais ascéticos. O presente trabalho apresenta uma articulação de algumas aberturas para o pensamento que emergem a partir da radical posição de intérprete que foi a de Nietzsche.

Abstract

This communication pretends to take part of the discussions about this nietzschean question: how to put thought's limits in question? Nietzsche had shown us the work of putting concrete productions of thoughts's limits in question, it means that he had looked for the silence that lives in cultural productions. In his search, he had found what called ‘modern man’, who lives in a culture that is supported by ascetic ideals. My work presents some articulation about Nietzsche's radical position as an interpreter that had found openings for thought.

Palavras-chave

Nietzsche, metafísica, ideal ascético, razão, violência

Epígrafes

Ó, senhor cidadão, com quantos quilos de medo se faz uma tradição?
Tom Zé

Lembro a famosa história do rei Vishvamitra, que através de milênios de automartírio alcançou tal sentimento de poder e confiança em si que empreendeu a tarefa de construir um *novo céu*: o símbolo apavorante da mais antiga e mais nova experiência dos filósofos na terra – todo aquele que alguma vez construiu um “novo céu”, encontrou o poder para isso apenas *no próprio inferno...*
Nietzsche

Gostaria que essa comunicação fosse uma contribuição às discussões sobre os questionamentos apresentados por Nietzsche. Uma dessas questões cruciais para o desenvolvimento da escrita de Nietzsche ao longo de sua vida diz respeito à sua tarefa de questionar os limites do pensamento. A tarefa de questionar os limites do pensamento aparece para Nietzsche como a necessidade de questionar os limites impostos a esse questionamento. Parece tautológico mas não é. Interessou a Nietzsche pôr em questão o modo como a determinação dos limites do pensamento era teorizada e legitimada pelas teorias filosóficas, o que os limites acarretariam em produção.

A primeira grande intuição de Nietzsche quanto aos impedimentos impostos ao questionamento do limite do pensamento, podemos dizer, foi a de que, até então, a questão sempre se colocava a partir do campo das chamadas teorias do conhecimento. Isto significa que os limites do pensamento eram pensados como sendo intrínsecos ao próprio pensamento, como se o campo das teorias do conhecimento fosse um território apartado de qualquer outro campo de atividades humanas, logo que se deveria viver como tal. A filosofia moderna empreendia a legitimação de que o pensamento organizado segundo o molde das teorias do conhecimento poderia reconhecer os limites de seu próprio campo.

Essa é uma das críticas feitas a Kant: não seria um contra-senso supor que um instrumento possa reconhecer os seus próprios limites? Como um instrumento tal qual o pensamento, ou a razão, teria a capacidade de conhecer os seus limites sem entrar em contato com aquilo que, a partir de fora, está permanentemente em contato com o recorte estabelecido?

Como as construções humanas são determinadas? Teria o pensamento qualquer liberdade em relação às determinações que constituem a cultura, a civilização? Não. As teorias, por mais que aparentem neutralidade e imparcialidade, e se esforcem para tanto, também se constituem por interesses que agem na cultura. A intuição de Nietzsche o dirigiu para aquilo que, estando silenciado, está, ao mesmo tempo, documentado nas construções da cultura. A leitura do silêncio impresso nos produtos da cultura é, na pesquisa nietzschiana, a leitura dos modos de violência silenciadora que impõem um certo modo de habitar a cultura.

“Toda a psicologia, até o momento, tem estado presa a preconceitos e temores morais: não ousou descer às profundezas. Compreendê-la como morfologia e *teoria da evolução da vontade de poder*, tal como faço, -- isto é algo que ninguém tocou sequer em pensamento: na medida em que é permitido ver, no que foi até agora escrito, um sintoma do que foi até aqui silenciado.”¹

O pensamento deixava, então, de ser tomado como alguma coisa que pudesse desvencilhar-se de todas as produções culturais para ser inserido no terreno das criações humanas. Para Nietzsche, o edifício da tradição de pensamento teria de ser encarado como uma criação humana, suscetível às mesmas forças obscuras que regem qualquer produção cultural. Com obscuras quero dizer, seguindo as pistas com Nietzsche, aquilo que merece ser pesquisado e que, no entanto, exige de seu pesquisador uma certa disposição para entrar em contato com o que foi silenciado e com as forças silenciadoras.

O pensamento – a teoria sobre o que é o conhecimento e como se deve proceder para conhecer –, que parecia até aquele momento possuir uma realidade mais fundamental

¹ ABM, p.29

do que qualquer conhecimento disponibilizado pelas práticas humanas, passa a ser incluído em um mundo que pôde, a partir de um certo momento, ser tomado como um mundo de criação de valores, um mundo formado por representações. (Podemos entender, aqui, representação como significados, sentidos e formas que se apresentam.)

Nietzsche subverte o termo schopenhaueriano de ‘mundo como representação’. Distancia-se do filósofo com a crítica de que, para Schopenhauer, o acesso às representações e estaria subordinado ao arrefecimento da vontade. Em seu pensamento, a representação ainda guardaria o lugar do Ser metafísico, mais verdadeiro, mais livre de interesses, do que o mundo das criações interessadas. A escrita de Nietzsche aparece quando o pensamento pôde ser tomado como parte da atividade de criação de valores, quando houve a possibilidade de se conceber que o uso da razão não obedece a qualquer ordem mais verdadeira do que o mundo criado pelas práticas humanas permeadas de interesses.

Dentre as práticas da cultura, interessavam a Nietzsche, particularmente, aquelas produções que apresentavam o modo de atividade que seria considerado e vivido como racional. Daí seu grande esforço de crítica à história da filosofia. No entanto, não parece que seu interesse chegasse à história da filosofia por ser esta história um campo de conhecimento já delimitado. Sua pesquisa não se deteve nas produções de filosofia, mas incluiu também a religião, os sistemas de punições e de exclusões e os códigos de conduta morais. A divisão dos campos estava explodida. O interesse em tomar a razão como objeto deve-se a que Nietzsche reconheceu a criação da razão e o sentimento de liberdade a ela atrelado como as grandes recompensas oferecidas àqueles que renunciam a qualquer outro modo de vida para viver em uma cultura conforme esta específica forma de razão. Escreve Nietzsche:

“Cada pequenino passo que se deu na terra foi conquistado ao preço de suplícios espirituais e corporais: toda essa perspectiva, ‘de que não apenas o avançar, não, o simples andar, o movimento, a mudança, necessitaram de seus inúmeros mártires’, soa hoje em dia tão estranha para nós – eu a expus em *Aurora*. ‘Nada foi comprado tão caro’, diz-se ali,

‘como o pouco de razão humana e sentimento de liberdade que agora constitui nosso orgulho’. É este orgulho, porém, que nos torna hoje quase impossível sentir os imensos períodos de ‘moralidade do costume’, que precederam a ‘história universal’ como a verdadeira e decisiva história que determinou o caráter da humanidade”²

A criação de algo como a razão foi tratada por Nietzsche a golpe de martelos. O que seria a razão? Começemos por aqui. A razão aparece na pesquisa de Nietzsche como tendo sido construída de um modo unívoco, por mais que os filósofos que se dedicaram a pensá-la aparentemente sejam tão diferentes entre si. A continuidade que Nietzsche traz à tona é a perpetuação da razão vivida como o fundamento de algo como um ‘mundo verdadeiro’ que estaria em uma certa relação com o mundo das representações habitado por nós, os homens.

O mundo verdadeiro, o mundo racional, o mundo dos conceitos, das idéias claras e distintas, teria continuamente sido considerado como o fundamento do mundo das experiências cotidianas. A relação do mundo verdadeiro, que segundo Nietzsche, acabou por tornar-se fábula, com o mundo das aparências, serve a dois interesses. Por um lado, garante que as experiências de outra ordem de pensamento, que são todas aquelas que não podem ser conhecidas pelos sistemas de pensamento que se apresentam como acesso ao ‘mundo verdadeiro’, sejam continuamente desvalorizadas e, por outro, legitima a perpetuação do imperativo da sensação de que o mundo precisa ser corrigido pelo uso generalizado da razão. Nietzsche ainda vai mais longe: a legitimação fornecida pela filosofia da noção de que o mundo deve ser corrigido por parâmetros racionais vem servindo para a conservação de um certo estado de coisas, para o impedimento de mudanças, para a permanência do mesmo silêncio.

A sustentação de tais sistemas de captura das formas de viver o pensamento foi nomeada por Nietzsche de ideais ascéticos. Nossa razão seria o desenvolvimento de formas de pensar e, principalmente, de viver em nome da sustentação de ideais ascéticos. O que são ideais ascéticos? Pergunta-se ele. Grosso modo, formas de viver históricas de desvalorização das experiências sensíveis, e da própria sensibilidade, em nome de algo que

² GM, III, 9

só se encontraria em uma vida limpa de contradições e conflitos. As três palavras – limpeza, contradições e conflitos – são importantes. O ascetismo não precisa ser, e não é, apenas evitação do prazer corporal ou a realização de privações, até porque já sabemos que as privações também servem ao prazer, ao prazer masoquista. Nosso mundo nos apresenta formas de ascetismo que assemelham-se à busca de prazer, na acumulação.

Uma cultura empenhada em sustentar e sustentar-se em ideais ascéticos é uma cultura que desvaloriza o próprio ato de criação de valores, ou, nas palavras de Nietzsche, que nega a si mesma. A vida nesta cultura seria valorada como uma ponte para outra vida, como um erro que se “*deve* refutar com a ação: pois ele *exige* que se vá com ele, e impõe, onde pode, a *sua* valoração da existência.” Portanto, na cultura ascética há uma imposição do modo de valorar e este modo imposto de valoração é a desvalorização do ato de criação em seu caráter plástico, pois a cultura do ideal ascético exige que haja um único modo de valorar. Não podemos esquecer que valorar é, nas palavras de Nietzsche, pensar. E, mais do que isso, valorar é viver.

Se estamos pensando na pergunta: “desde quando existe a cultura baseada nos ideais ascético?” Nietzsche respondeu, por exemplo, assim: “Que significa isso? Um tal monstruoso modo de valorar não se acha inscrito como exceção e curiosidade na história do homem: é um dos fatos mais difundidos e duradouros que existem. Lida de um astro distante, a escrita maiúscula de nossa existência terrestre levaria talvez à conclusão de que a Terra é a *estrela ascética* por excelência, um canto de criaturas descontentes, arrogantes e repulsivas, que jamais se livram de um profundo desgosto de si, da terra, de toda a vida, e que a si mesmas infligem o máximo de dor possível, por prazer em infligir dor – provavelmente o seu único prazer.” GM, III, 11

Tão longe das concepções morais está a constatação do prazer na provocação da dor quanto a descrição da economia de forças que produz a figura do sacerdote asceta. Esta figura recortada por Nietzsche, aparece, descontinuamente, em eras e classes diferentes, mantendo-se continuamente como ponto nodal do desenvolvimento da cultura. Sua economia retira força vital efetivamente do esmorecimento da força. Quando dissemos que

a cultura baseada nas figuras do sacerdote asceta impõe um único modo de valorar, de viver, isto refere-se ao modo de uso da força vital. Nas palavras de Nietzsche,

“aqui domina um ressentimento ímpar, aquele de um insaciado instinto e vontade de poder que deseja senhorear-se, não de algo da vida, mas da vida mesma, de suas condições maiores, mais profundas e fundamentais; aqui se faz a tentativa de usar a força para estancar a fonte da força; aqui o olhar se volta, rancoroso e pérfido, contra o florescimento fisiológico mesmo, em especial contra a sua expressão, a beleza, a alegria; enquanto se experimenta e se *busca* satisfação no malogro, na desventura, no fenecimento, no feio, na perda voluntária, na negação de si, autoflagelação e autosacrifício. Tudo isso é paradoxal no mais alto grau: estamos diante de uma desarmonia que se *quer* desarmônica, que *frui* a si mesma neste sofrimento, e torna-se inclusive mais triunfante e confiante à medida que diminui o seu pressuposto, a vitalidade fisiológica.”

A economia de forças de cultura ascética, também chamada de metafísica porque concede valor ao que está para além do mundo físico, investe maciçamente no encobrimento de que suas verdades, recortadas e operantes no mundo em que vivemos, são valores criados pelas práticas, no desenrolar da própria vida. Os ideais ascéticos de correção do mundo, do pensamento e da vida, em nome dos quais as práticas humanas se exercem, constantemente encobrem que suas verdades são posições recortadas e ocupadas por valores criados, produzidos em uma determinada economia que se quer universal e imutável.

É contra estas operações de encobrimento que o martelo de Nietzsche ataca. Chamemo-las, como Nietzsche o fez, de operações morais de encobrimento. Portanto, com Nietzsche, os valores e concepções morais são realocados devidamente em seu lugar: migram da consciência moral para o terreno dos preconceitos morais, daquilo que se encontra antes da formação da consciência, fornecendo-lhe seus interesses. Aqui evoca-se Zaratustra em seu caminho por um território que, em seu caminhar, vai tendo desmantelados modos tradicionais de apresentação do mundo, como as noções e sensações

de profundo e raso, de alto e baixo, de interior e exterior, de luz e de sombra. Uma dessas passagens diz Zarathustra a um jovem que o evitava por tê-lo ouvido no exato momento em que nele pensava:

“E te assustas por isso? Mas passa-se com o homem o mesmo que com a árvore.

Quanto mais quer crescer para o alto e para a claridade, tanto mais suas raízes tendem para a terra, para baixo, para a treva, para a profundidade – para o mal.” Z, p.58

O terreno em que vivemos, é a produção de valores, é o terreno da moral. Onde habitamos, nosso *ethos*, segundo a impressão de Nietzsche, está em estado de metafísica. Isto quer dizer que o encobrimento recai sobre aquilo que abala o edifício que sustenta a desvalorização do que for conflitante com os ideais metafísicos. Somos compelidos a esquecer que os valores são criados e portanto passíveis de transformação. Só terá valor consciente aquilo que for considerado portador de unidade e de identidade imutáveis.

A posição que Nietzsche ocupou como intérprete da cultura o colocou na trilha do processo de naturalização da razão. Neste processo, a parte da vida considerada racional tornou-se recompensa social para os indivíduos aceitarem docilmente viver em um mundo cuja cultura deixa de florescer e apenas conserva as mesmas interpretações e exclusões. A economia de forças da cultura do ideal ascético é muito violenta. Em cada obra o encobrimento dos interesses que a movem, a desvalorização das outras interpretações e o impedimento de vivências que não cultuam os ideais ascéticos de negação da vida em sua plasticidade promove um aumento de práticas violentas. O início da pesquisa nietzschiana, a pesquisa pelos limites do questionamento sobre o pensamento, em outras palavras, a pergunta pelo valor concedido à verdade, mostrou a abissal violência promovida pelas construções da razão, como a filosofia e a ciência, por constantemente manterem por baixo dos panos os interesses que estão sendo movidos.

Muito importante dizer que a posição de Nietzsche, ao expor a profunda dependência da cultura ascética com relação ao encobrimento de sua violência, não se deixa ficar em um hipócrita negação da violência. Nietzsche compreendeu para nós a violência

que portam as interpretações que querem vir à tona e deu voz a essa violência. Seu martelo é muito violento para atacar as operações de encobrimento que enfraquecem a força plástica da cultura humana. Espero ter dito que vivemos em um tipo de cultura que apenas reproduz, sempre com acréscimo, a violência.

A posição do ideal ascético, “melhor querer o nada a nada querer”, sendo ainda uma posição a favor da vida, porque de um querer, reproduz a violência de impor como objeto para o desejo o nada. A resposta nietzschiana nos abriu caminho para fazermos o percurso, onde também encontramos a dor, de abrir mão de apostar no pensamento como salvador. Para podermos, aí então, conhecermos nosso mundo sem, para isso, precisarmos perdê-lo.